

# Bons dias!

de Machado de Assis

por Lucas Ben



# AOL

Análise de Obras Literárias



**POLIEDRO**  
SISTEMA DE ENSINO

# EXPEDIENTE



## Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2021.  
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.  
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,  
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

**Autoria:** Lucas Ben

**Direção-geral:** Nicolau Arbex Sarkis

**Gerência editorial:** Emília Noriko Ohno

**Coordenação de projeto editorial:** Brunna  
Mayra Vieira da Conceição

**Edição de conteúdo:** Cláudio Leyria

**Analista editorial:** Débora Cristina Guedes

**Gerência de design e produção editorial:**  
Ricardo de Gan Braga

**Coordenação de revisão:** Renata Ultramar

**Revisão:** Eliana Marília G. Cesar, Letícia Borges e

Sara de Jesus Santos

**Coordenação de arte:** Kleber de Messas

**Diagramação:** Cláudia Carminati

**Ilustração:** Olavo Costa

**Projeto gráfico e capa:** Kleber S. Portela

**Coordenação de licenciamento e iconografia:**

Letícia Palária de Castro Rocha

**Analista de licenciamento:** Margarita Veloso  
e Souza

**Planejamento editorial:** Maria Carolina das  
Neves Ramos

**Coordenação de multimídia:** Kleber S. Portela

**Gerência de produção gráfica:** Guilherme  
Brito Silva

**Coordenação de produção gráfica:** Rodolfo  
da Silva Alves

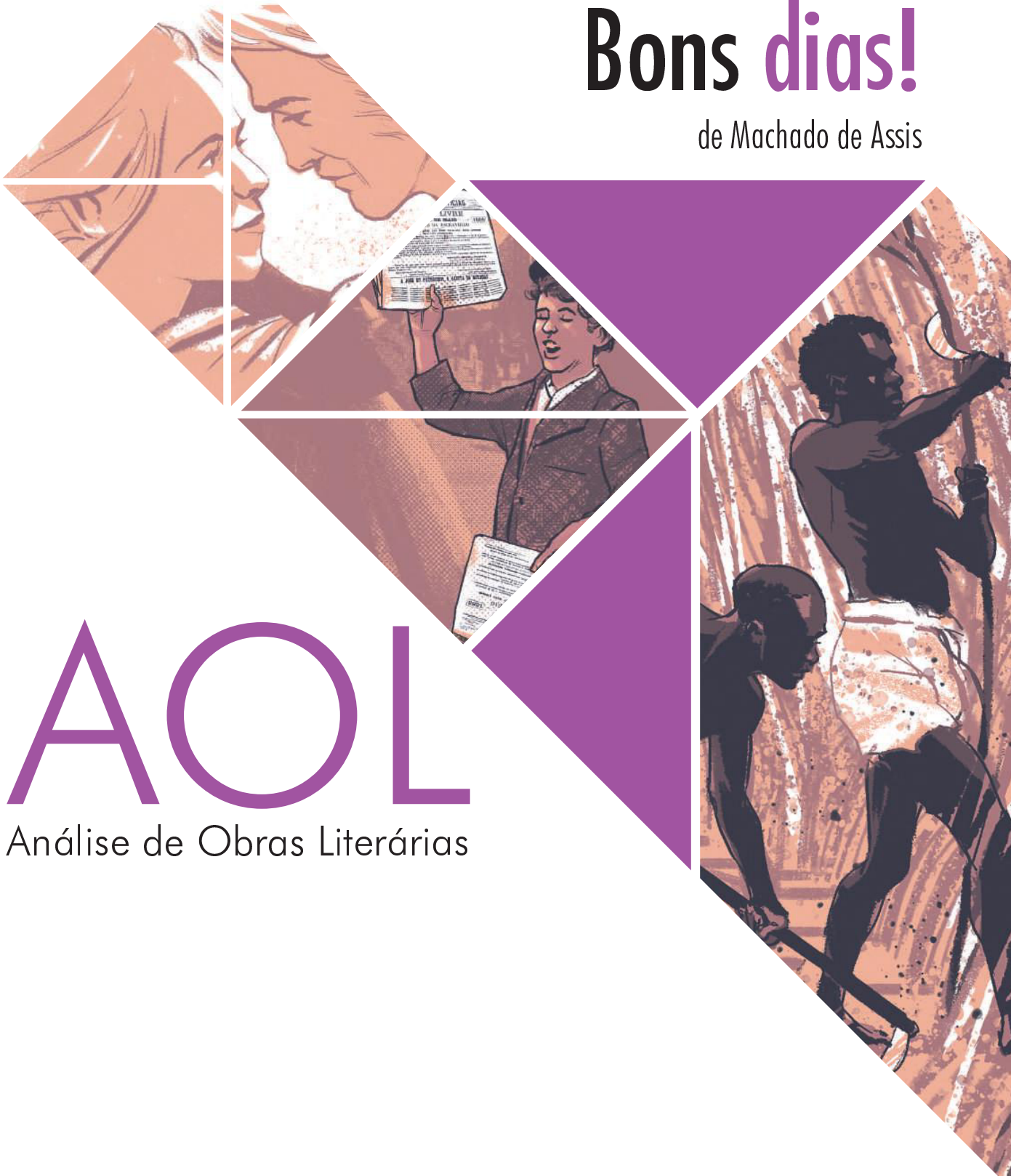
**Produção gráfica:** Anderson Flávio Correia,  
Fernando Antônio Oliveira Arruda, Matheus Luiz  
Quinhones Godoy Soares e Vandrê Luis Soares

**Impressão e acabamento:** PifferPrint

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

# Bons dias!

de Machado de Assis



# AOL

Análise de Obras Literárias



# Bons dias!

de Machado de Assis

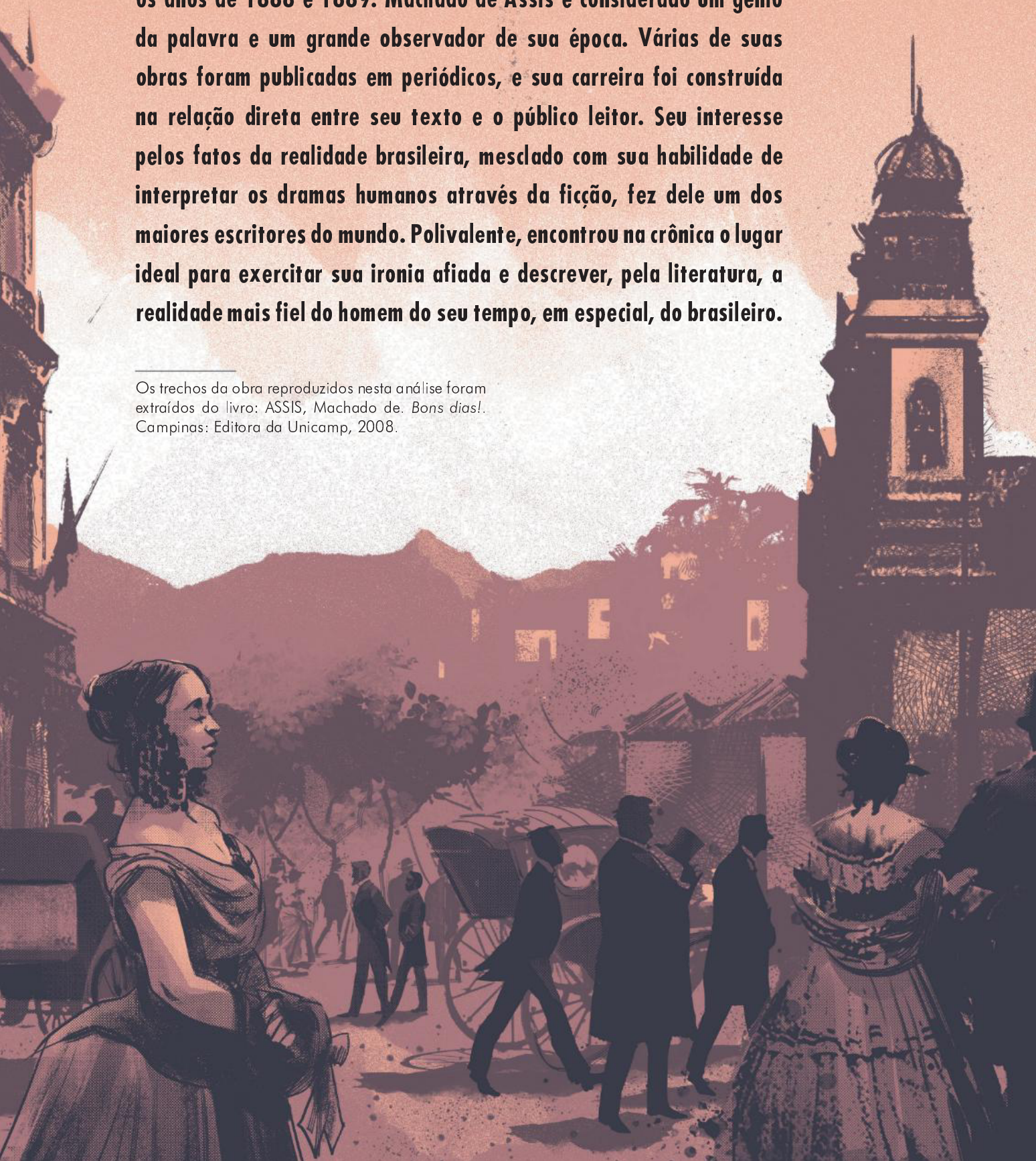




***Bons dias!* é um conjunto de 49 crônicas, de Machado de Assis, publicadas na seção homônima do jornal *Gazeta de Notícias*, durante os anos de 1888 e 1889. Machado de Assis é considerado um gênio da palavra e um grande observador de sua época. Várias de suas obras foram publicadas em periódicos, e sua carreira foi construída na relação direta entre seu texto e o público leitor. Seu interesse pelos fatos da realidade brasileira, mesclado com sua habilidade de interpretar os dramas humanos através da ficção, fez dele um dos maiores escritores do mundo. Polivalente, encontrou na crônica o lugar ideal para exercitar sua ironia afiada e descrever, pela literatura, a realidade mais fiel do homem do seu tempo, em especial, do brasileiro.**

---

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: ASSIS, Machado de. *Bons dias!*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.





## INTRODUÇÃO ▼

Machado de Assis foi romancista, poeta, teatrólogo, cronista, crítico, tradutor e contista. A extensão de sua produção é enorme, mas é pela qualidade incontestável de sua literatura e sua versatilidade que ele é considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Há quem considere que o autor divide o posto com o escritor Guimarães Rosa, autor de *Grande sertão: verdades*, entre outras grandes obras, que coincidentemente e curiosamente nasceu no mesmo ano – apenas três meses antes – em que Machado morreu, 1908. Machado foi o maior do seu tempo, é indiscutível, e ainda hoje, 130 anos depois, seu nome, por meio da obra *Bons dias!*, é novamente parte da nossa realidade para análise e desfrute.

Autor de obras aclamadas pelo mundo, foi na crônica que se deu sua leitura mais próxima da realidade histórica brasileira, enquanto ela de fato acontecia, no dia a dia. Machado de Assis iniciou a sua carreira como cronista em 1859 e encerrou-a quase quatro décadas depois, em 1897. Por ser um gênero mais flexível, com características **polimorfas**, a crônica possibilitou ao autor experimentar o **hibridismo** entre vários elementos relacionados à ficção e à realidade histórica, mesclando personagens a fatos reais, momentos políticos a cenas corriqueiras, inclusive com opiniões e críticas camufladas sob o chapéu de um pseudônimo. Sendo assim, as crônicas machadianas fornecem vasto e importante material para estudar e compreender a formação da identidade do povo brasileiro daquele período.

## Glossário

- **Polimorfo:** que assume diferentes formas.
- **Hibridismo:** relativo ao que não é regular, ao que se mistura.

A obra *Bons dias!* compreende 49 crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias*, entre 1888 e 1889. Vários foram os periódicos nos quais Machado colaborou. Suas crônicas não foram todas publicadas em livros; somente seis delas foram adicionadas a uma coletânea de contos, de 1899, chamada *Páginas recolhidas*. Não só suas crônicas, como muitos dos seus romances, contos, poemas, além de críticas e peças de teatro foram publicados em periódicos.

A *Gazeta de Notícias* era um jornal muito popular à época. Os concorrentes vendiam seus exemplares por assinatura, enquanto a *Gazeta* era vendida por garotos nas ruas, o que colaborou muito para que conquistasse numerosos simpatizantes. Em 1872, o país tinha 82,3% de analfabetismo; porém, quase 50% da população do Rio de Janeiro sabia ler e escrever. Aproveitando-se disso, o periódico conseguiu atrair muitos leitores, pois, ademais, reservava boa parte de seu espaço à literatura e a romances de folhetim, além de artigos e pequenas crônicas de variedades. Dentre essas publicações literárias, estavam as 49 crônicas de *Bons dias!*. No total, Machado de Assis publicou 475 crônicas somente na *Gazeta de Notícias*, praticamente três quartos de toda sua produção nesse gênero.





Um fato curioso sobre a obra *Bons dias!* é que ela foi a única publicada sob total anonimato. Machado se valeu, em sua carreira, de vários pseudônimos ao assinar suas publicações. No caso da obra em análise, não havia assinatura explícita, e os textos não deixavam clara sua autoria real, apenas eram assinados com “Boas noites!”, fazendo um jogo linguístico de despedida, sem que fosse esclarecido quem o disse, como se a assinatura fosse o próprio “Boas noites!”. A autoria de *Bons dias!* só foi revelada nos anos 1950, pelo pesquisador José Galante de Sousa, que encontrou a prova definitiva em uma coleção manuscrita de identificação de pseudônimos na Biblioteca Nacional. A articulação entre ficção e história, característica nas crônicas, pode ainda ser um dos fatores dessa descoberta, além de traços autorais, de temas e pistas retomados em outras obras, de características de estilo, entre outras diferentes focalizações e abordagens. O professor John Gledson, aposentado da Universidade de Liverpool, acredita ainda haver outras crônicas escritas por Machado de Assis não atribuídas ao autor.



*Bons dias!* nos dá a dimensão clara não só da realidade cultural, política e social do período em que foram publicadas as crônicas, como do próprio autor, ainda que Machado envolvesse essa realidade em um ambiente ficcional. O gênero aborda um tema comum, corriqueiro e cotidiano. A estrutura composicional usada por Machado, mesmo sendo “elaborada”, era vinculada a uma linguagem natural, direta, especialmente considerando o suporte em que suas crônicas foram veiculadas: um jornal diário. E sabemos muito bem que Machado de Assis considera sempre o leitor ao escrever, tanto que chama por ele no próprio texto: “caro leitor”, “leitora amiga”... Essa instituição – o leitor – e sua marcação de posição no texto, com vocativos, é uma das características mais marcantes da literatura machadiana, além da ironia refinada e ácida, da crítica social, da provocação, de certo pessimismo e ceticismo com o ser humano na voz do narrador e das personagens e do uso de metalinguagem.

Todos esses elementos do traço criador de Machado de Assis são perceptíveis nas crônicas de *Bons dias!*. Sua genialidade notável fez da sua literatura universal e atemporal e pode ser constatada na subversão do próprio gênero em questão. A crônica é feita, essencialmente, para durar o período de uma notícia; publicado o jornal do dia seguinte, ela se torna, em teoria, “dispensável”. A obra em análise aborda o curto período, de 1888 a 1889, entre a assinatura da Lei Áurea e o gradual fim do Império; no entanto, podemos notar que ela não é só um registro histórico de um período, mas a elevação de um gênero efêmero a definitivo.

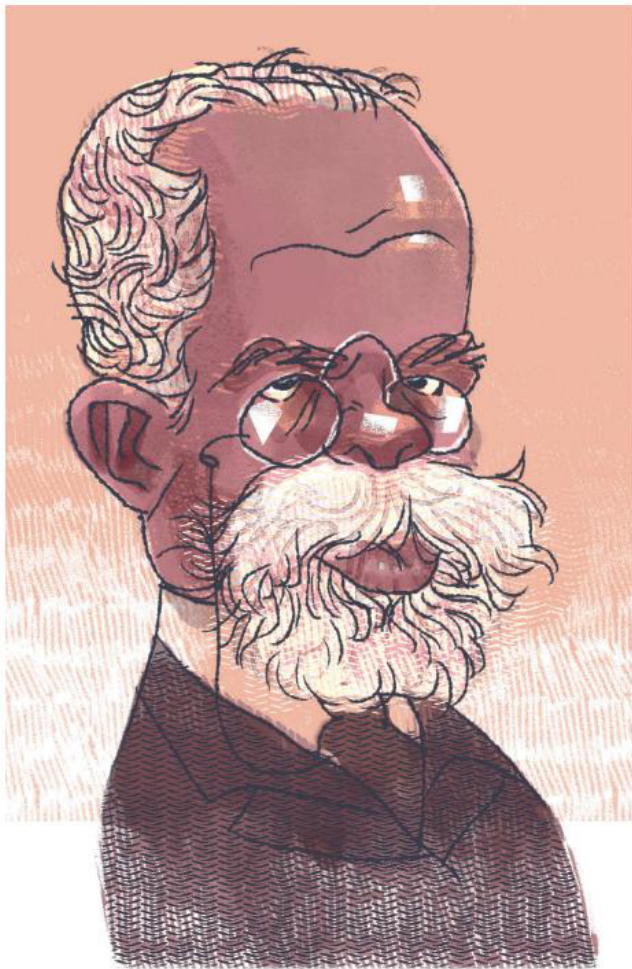
*Eu não sou homem que recuse elogios. Amo-os; eles fazem bem à alma e até ao corpo. As melhores digestões da minha vida são as dos jantares em que sou brindado.*

Machado de Assis, 1892.

Então, brindemos Machado de Assis, que não só gostava dos elogios, mas, antes, fazia tudo para merecê-los!

## SOBRE O AUTOR ▼

### Pequena biografia do autor



Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, capital do Império à época, no dia 21 de junho de 1839, filho do brasileiro Francisco José de Assis e da açoriana (de Açores, um arquipélago no oceano Atlântico, território autônomo de Portugal) Maria Leopoldina Machado de Assis. Ele e a família moravam no morro do Livramento. Machado, aos seis anos, perdeu a única irmã, dois anos mais nova que ele, e aos dez, perdeu a mãe. Mudou-se para o bairro de São Cristóvão com o pai, que se casou com Maria Inês da Silva, cinco anos após ficar viúvo. Machado continuou vivendo com a madrasta mesmo após o falecimento do pai, em 1864.

Em 1849, após a morte da mãe, Machado de Assis foi amparado por sua madrinha, Maria José de Mendonça Barrozo Pereira, esposa do falecido senador Bento Barrozo Pereira. Dona Maria José, como o autor a chamava, antes mesmo do nascimento de Machado, havia permitido que os pais dele morassem com ela como agregados. Inclusive, os pais de Machado lhe deram o nome em homenagem à sua madrinha e ao seu padrinho, Joaquim Alberto de Souza, oficial da Ordem Imperial e cunhado de Maria José. Machado de Assis não estudou regularmente: aprendeu um pouco com sua madrinha, outro tanto por conta própria, estudou francês enquanto frequentava a casa de uma família estrangeira e latim com a ajuda de seu amigo, o padre Silveira Sarmento.





Em 1854, aos 15 anos, publicou no *Periódico dos Pobres* seu primeiro **soneto**, assinado apenas como J. M. M. Assis e dedicado à “*Ilustríssima Senhora D. P. J. A.*”, inaugurando o jogo de impessoalidade autoral que Machado usaria como **subterfúgio** e estilo por vezes. Em 1855, publicou o poema, *Ela*, na revista *Marmota Fluminense*, do jornalista e tipógrafo Francisco de Paula Brito. No ano seguinte, foi contratado pela *Imprensa Nacional* como aprendiz de tipógrafo, e sua carreira literária foi bastante incentivada por seu protetor Manuel Antônio de Almeida. Em 1858, aos 19, passou a colaborar no *Correio Mercantil* e no jornal *O Paraíba*, como cronista e revisor textual.

### Glossário

- **Soneto:** composição poética fixa formada por 14 versos, sendo dois quartetos e dois tercetos.
- **Subterfúgio:** pretexto, manobra para evitar complicações.



Publicou sua primeira peça teatral em 1859, chamada *Pipelet*, uma ópera com música de Ermanno Wolf-Ferrari. Nesse mesmo ano, colaborou também na

revista *O Espelho*, como crítico teatral. Aos 21 anos, em 1860, foi convidado por Quintino Bocaiúva para ser redator, jornalista e repórter do *Diário do Rio de Janeiro*. Sob os pseudônimos de Job, Victor de Paula, Max, Gil e Platão, fazia crítica teatral e a resenha dos debates do Senado. Colaborava, ainda, no periódico *A Semana Ilustrada* e no *Jornal das Famílias*, no qual publicaria vários contos mais tarde. Ainda em 1860, publicou a peça teatral *Hoje avental, amanhã luva*. Em 1861, foram publicadas *Desencantos*, uma peça de comédia, e *Queda que as mulheres têm para os tolos*, uma sátira em prosa, do belga Victor Hénau, traduzida do francês por Machado.

Em 1862, começou a colaborar no periódico *O Futuro*. Exerceu ainda a função de bibliotecário da Sociedade Arcádia Brasileira e de auxiliar de censura, como sócio do Conservatório Dramático Brasileiro, função esta não remunerada, que alguns biógrafos dizem ter sido apenas para poder frequentar teatros à vontade. No ano seguinte, publicou o *Teatro de Machado de Assis*, com duas comédias: *O protocolo* e *O caminho da porta*. Em 1864, lançou seu primeiro livro de poesia, chamado *Crisálidas*, dedicado ao pai, que acabara de falecer, e à mãe, e a peça *Quase ministro*.

Em 1865, fundou a sociedade artístico-literária Arcádia Fluminense, onde promovia saraus e o estreitamento de convívio entre intelectuais e artistas. Em 1866, publicou a comédia *Os deuses de casaca* e traduziu o romance *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo. Tentava, ainda, se familiarizar com a língua grega nesse período, para compreender melhor a filosofia de Platão e Sócrates e o teatro grego, mas só iniciou os estudos efetivamente depois de alguns anos, para ler Homero e outros na língua original.

Era muito amigo do também escritor José de Alencar, autor de *O guarani*, *Iracema*, *Senhora*, que lhe ensinou um pouco da língua inglesa e o incentivou a guiar um jovem e talentoso poeta baiano que surgia, vindo de Salvador: Castro Alves.



Carolina Augusta e Machado de Assis.

No ano seguinte, em 1869, aos 40 anos, casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, portuguesa que poucos meses antes havia desembarcado no país para cuidar do irmão enfermo. Machado era negro e o casamento foi realizado mesmo com todo preconceito vigente e declarado contra essa união inter-racial. Há quem diga que “Carola”, como Machado a chamava, era muito culta e o apresentou a clássicos das literaturas portuguesa e inglesa. De certa forma, Carolina influenciou sua escrita, especialmente em sua transição para a fase realista, além de lhe servir de revisora inúmeras vezes. Não tiveram filhos. Moraram no centro da cidade, no bairro do Catete, na famosa Rua do Cosme Velho, casa 18, onde ficariam até a morte.

### Observação:

Bruxo do Cosme Velho: esse foi o apelido dado a Machado de Assis em referência ao nome da rua do último endereço em que morou, com a esposa Carolina. Conta-se que, certa vez, Machado teria queimado cartas em um caldeirão em sua casa; vendo a cena, a vizinhança criou o apelido. No entanto, para alguns biógrafos, essa história não passa de lenda.

A partir de 1870, Machado entrou em notável período de produção intensa: publicou as obras *Falenas* e *Contos fluminenses*, em 1870; *Ressurreição*, seu primeiro romance, em 1872; *Histórias da meia-noite*, um livro de contos, e o ensaio crítico *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*, em 1873, ano em que foi nomeado primeiro-oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Em 1874, publicou *A mão e a luva*, seu segundo romance, escrito em 1868, e *Americanas*, seu terceiro livro de poesias, em 1875. Em 1876, colaborou na revista *Ilustração Brasileira*, foi promovido a chefe de seção da Secretaria da Agricultura e publicou o romance *Helena*.

Eça de Queiroz, um dos maiores escritores portugueses, nomeou Machado de Assis como seu defensor em relação aos direitos autorais de *O primo Basílio*, romance para o qual o brasileiro produziu alguns artigos críticos e que se espalhava clandestinamente pelo país em 1878, mesmo ano em que Machado se licenciou por alguns meses do trabalho devido a problemas de saúde, em Friburgo, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, publicou, na *Revista Brasileira*, o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, clássico reverenciado, redescoberto e aclamado nos Estados Unidos atualmente, graças a uma nova tradução em inglês publicada em 2020, e o



romance *Quincas Borba*, na *Revista Estação*. Em 1880, foi designado oficial de gabinete do Ministério da Agricultura. Em 1881, *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi publicado em livro, e a comédia *Tu, só tu, puro amor...*, que havia sido encenada no Teatro Imperial Dom Pedro II no ano anterior, foi publicada em volume. O autor começou a escrever crônicas no jornal *Gazeta de Notícias*, no qual, ao fim da década, publicaria a série da obra analisada neste material, *Bons dias!*.

Em 1882, publicou seu terceiro livro de contos, *Papéis avulsos*, entre os quais está o famigerado *O alienista*. Novamente retirou-se em licença por questões de saúde, desta vez fora do Rio de Janeiro. Em 1884, publicou os contos de *Histórias sem data*. Em 1888, iniciou a série *Bons dias!*, que durou até o ano seguinte, publicada anonimamente. Foi promovido a diretor da Diretoria de Comércio, ainda na Secretaria de Estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, e foi agraciado com a Ordem da Rosa, no grau de cavaleiro, sendo nomeado diretor-assistente do *Diário Oficial* pelo imperador Dom Pedro II.

Publicou o romance *Quincas Borba*, em 1891, e no ano seguinte foi promovido novamente: diretor-geral da viação, na Secretaria da Indústria, Viação e Obras Públicas. Em 1895, passou a colaborar na *Revista Brasileira*, de José Veríssimo, formada por um grupo de intelectuais, dentre eles Joaquim Nabuco, Silva Ramos, Lúcio de Mendonça, Graça Aranha, Inglês de Sousa, João Ribeiro e Sousa Bandeira, que dali a dois anos fundariam a Academia Brasileira de Letras. Machado de Assis, além de fundador, foi o primeiro presidente da Academia, eleito por maioria de votos ao cargo que ocupou por dez anos. Antes disso, em 1896, havia dirigido a primeira sessão preparatória da fundação da ABL e publicado seu quinto livro de contos: *Várias histórias*.

Publicado em 1899, o clássico *Dom Casmurro* reverbera em nossa memória literária, em questionamentos sobre a condição da alma humana, suas dúvidas e angústias, sobre verdade e ilusão, sobre ciúme e traição... “*Há neste mundo o que se possa dizer*

*verdadeiramente verdadeiro? Tudo é conjectural*”, já disse Machado, provocando seus “amigos e amigas leitoras e leitores” com seu ceticismo característico. Nesse mesmo ano, também publica o livro de ensaios, peças teatrais e contos *Páginas recolhidas*. Em 1904, publicou seu penúltimo romance, *Esau e Jacó*. Voltou a Friburgo com a esposa, enferma, que veio a falecer pouco antes de completarem 35 anos de casamento. Carolina Augusta Xavier de Novais tinha 70 anos.

### Glossário

- **Conjetural:** relativo à conjectura, à dedução baseada em hipóteses, evidências e presunções.



Carola dizia que Machado deveria morrer antes, pois sabia que ele sofreria muito com sua partida. E foi o que de fato aconteceu. Agora triste e introspectivo, era perceptível o estímulo intelectual e a serenidade emocional que Machado transpirava enquanto esteve com a esposa. Em seu último romance, *Memorial de Aires*, publicado em 1908, as três heroínas, Carmo, Rita e Fidélia, representariam, segundo estudiosos, três aspectos de Carolina: a mãe, a irmã e a esposa, respectivamente. Seu último soneto, publicado em 1906, foi dedicado à companheira: *A Carolina*.

Segundo o escritor e poeta Manuel Bandeira, o soneto foi uma das mais comoventes peças da literatura brasileira. Machado visitava o túmulo de Carolina todos os domingos.

*Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada.*

ASSIS, Machado de. [Correspondência]. Destinatário: Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro, 1904. 1 carta.

Ainda em 1906, foi publicado o livro *Relíquias de casa velha*, de contos e peças teatrais. Em 1908, mesmo ano de publicação do seu último romance, Machado entrou em licença para tratamento de saúde. Sua visão debilitava-se cada vez mais, e sofria de problemas de intestino, além de uma úlcera na língua, de provável fundo canceroso, ao que tudo indica, proveniente do fato de mordê-la em razão das constantes convulsões por epilepsia. Morreu aos 69 anos de idade, no dia 29 de setembro, no Rio de Janeiro. Foi enterrado ao lado de Carolina.


## O autor e seu período

Machado de Assis viveu durante toda a segunda metade do século XIX. Nasceu em 1839, na mesma década em que Dom Pedro II (aos seis anos de idade) assumiu o Império do Brasil, em 1831, após Dom Pedro I ter abdicado o trono. Como a maioria era

atingida somente aos 21 anos, de acordo com a Constituição de 1824, criou-se uma regência, um governo formado por um grupo de deputados, senadores e militares. Essa fase, chamada de Período Regencial, foi um dos momentos mais conturbados do Brasil, com fortes disputas políticas até o início do Segundo Reinado.

Na década de 1850, enquanto Machado publicava seu primeiro trabalho, dentre várias colaborações em jornais, foi assinada a Lei Eusébio de Queirós (Lei nº 581, de 4/9/1850), que proibia o tráfico e a entrada de pessoas escravizadas no país. Com isso, intensificou-se o processo de decadência da economia da cana-de-açúcar. Nos anos 1860, em que o escritor já trabalhava como jornalista e repórter, publicava seu primeiro livro de poesias, *Crisálidas*, e casava-se com Carolina, o Brasil guerreava contra o Paraguai (1864 a 1870), no que é considerado o maior conflito armado da América do Sul. A Tríplice Aliança, formada por Brasil, Argentina e Uruguai, havia sido criada para combater os paraguaios, comandados por um ditador que tinha planos de tomar parte das terras argentinas e brasileiras.

Já na década de 1870, enquanto Machado lançava seus quatro primeiros romances, a Guerra do Paraguai se encerrava e era assinada a Lei do Ventre Livre (Lei nº 2.040, de 28/9/1871), que considerava livres todos os filhos de escravizados, mas cujo objetivo principal era, em verdade, não romper bruscamente com os interesses econômicos escravocratas, pois a transição do sistema escravagista ao de mão de obra livre se pretendia lenta e gradual. Nessa década, teve início, ainda, a imigração italiana no país.



Princesa Isabel assina a Lei Áurea.



Os anos de 1880 foram de “ruptura” com o Romantismo na literatura. Iniciou-se a fase realista de Machado de Assis, com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. O livro de contos, *Papéis avulsos*, também foi publicado nessa década. Foi promulgada a Lei dos Sexagenários (Lei nº 3.270, de 28/9/1885), que propunha a libertação de todos os escravizados com mais de 60 anos de idade, e, em seguida, a Lei Áurea (Lei nº 3.353, de 13/5/1888), que libertaria todas as pessoas escravizadas. Desde a década de 1870, a partir da Guerra do Paraguai, insatisfações quanto à instabilidade política e econômica faziam com que o governo imperial fosse constantemente criticado. Surgiram, assim, ideias revolucionárias de mudança, com resquícios desde a Inconfidência Mineira, do século XVIII, passando pela Revolução Pernambucana e pela Revolta Farroupilha, do início do século XIX. Porém, essas ideias só culminaram, de fato, na Proclamação da República pelos conservadores, em 15 de novembro de 1889, na figura do Marechal Deodoro da Fonseca, que viria a se tornar o primeiro presidente do Brasil.

Pessoalmente, para o autor, a década de 1890 foi marcada pela sua eleição à Academia Brasileira de Letras e pela publicação dos romances *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. Foi aprovada a nova Constituição em 1891, sendo a primeira da era republicana. Após a renúncia de Deodoro da Fonseca, assumiu outro marechal, Floriano Peixoto, que sofreu constantes revoltas e rebeliões em favor de sua deposição. Essa década ainda assistiria à eleição do primeiro presidente civil do Brasil, Prudente de Moraes, que governou entre 1894 e 1898, seguido por Campos Salles. Importante destacar, nesse período, a Guerra de Canudos, na Bahia, um conflito entre tropas do exército e sertanejos, que tinham em Antônio Conselheiro o líder do movimento sociorreligioso que desejava combater as mazelas da fome, da seca e da exclusão social provocadas pela crise econômica. Esses sertanejos criaram uma comunidade independente que foi duramente reprimida.

Os primeiros anos do século XX são também os últimos de Machado e da esposa, que morreram em 1908 e 1904, respectivamente. O escritor ainda lançou seus últimos romances, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Rodrigues Alves foi eleito presidente da República, governou entre 1902 e 1906, assumindo Afonso Pena, em seguida. Esse foi também o momento da chegada ao país dos primeiros imigrantes japoneses.

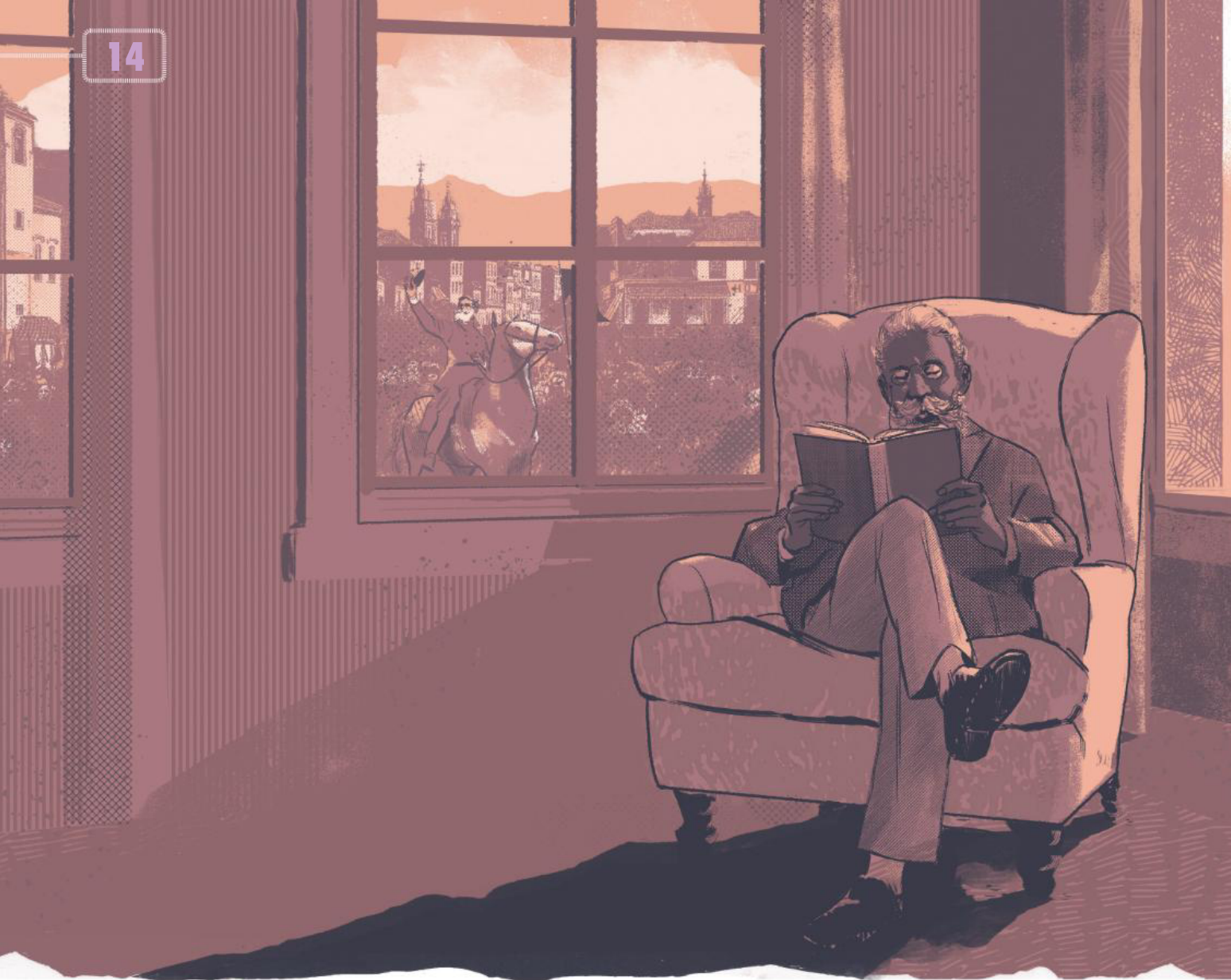
## Política

### *Que é a política senão obra de homens?*

ASSIS, Machado de. “A semana”, 30 out. 1892. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro.

Já sabemos que todas as obras de Machado de Assis carregam forte cunho social, devido ao seu lugar de observador e comentarista da realidade política do país, em especial da capital à época, o Rio de Janeiro. O escritor vivia em torno da corte, e suas crônicas, como podemos observar em *Bons dias!*, evidenciam isso. Vivendo no centro das decisões políticas nacionais, e obviamente internacionais, ao longo do século XIX e um pouco do início do século XX, Machado assistiu de perto a todas as mudanças na sociedade, nas ciências, nos costumes, nas tecnologias e no progresso de forma geral. No entanto, não há um consenso entre os biógrafos do autor e estudiosos de sua obra no que se refere ao seu posicionamento nesse período.

Machado de Assis é, de forma recorrente, associado a uma espécie de não envolvimento com as questões políticas de seu tempo. Parte da crítica literária aponta certa ausência de posicionamento com relação aos escravizados do século XIX, por exemplo. Machado foi testemunha ocular do momento de passagem da Monarquia para a República e da abolição da escravidão, dessa forma, constantemente é percebido como alguém que deixou lacunas em relação a seu posicionamento e engajamento, visto que era de origem humilde, pobre e negro e que alcançou notável posição social. No entanto, essas marcas se manifestaram de várias maneiras em sua produção, como veremos.



É natural que haja dúvidas, claro, e isso podemos notar nestes dois trechos em destaque e nas observações que se seguem:

*Guerras africanas, rebeliões asiáticas, queda do gabinete francês, agitação política, a proposta de supressão do senado, a caixa do Egito, o socialismo, a anarquia, a crise europeia, que faz estremecer o solo, e só não explode porque a natureza, minha amiga, aborrece este verbo, mas há de estourar, com certeza, antes do fim do século, que me importa tudo isso?*

ASSIS, Machado de. "A semana". *Gazeta de Notícias*, 26 de abril de 1886. Rio de Janeiro.

*Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais*

*encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstito, em carruagem aberta [...] Verdadeiramente, foi o único dia de delírio que me lembra ter visto.*

ASSIS, Machado de. "A semana". *Gazeta de Notícias*, 14 maio 1893. Rio de Janeiro.

### Glossário

- **Préstito:** cortejo, procissão.

Ninguém diria que são frases da mesma pessoa, ou da mesma personagem, a não ser que estejamos diante de alguém politicamente contraditório, o que à época não era muito comum, pois as posições eram mais demarcadas, especialmente considerando o curto período de tempo entre elas. Além disso, essa contradição provavelmente ficaria evidenciada em outras



obras, ou tratar-se-ia talvez de mais um dos arranjos irônicos de Machado. O fato é que o escritor não somente gostava de usar como subterfúgio esse espaço ficcional para distribuir suas opiniões políticas, como para manter-se livre para fazê-las, enquanto não o poderiam acusar de isento, tampouco de ativista. Era um lugar de segurança ao mesmo tempo artística e crítica.

As crônicas, assim como os contos e romances, especificamente, nos dão um panorama melhor dessa crítica machadiana à burguesia e à elite carioca e brasileira. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, Machado nos envolve nas relações e pensamentos do sujeito que, em suas próprias palavras, teve a “*boa fortuna de não comprar o pão com o suor do [...] rosto*”. Em *Dom Casmurro*, além do machismo, o **classismo** de Bentinho diante de Capitu e sua família é, em vários momentos, ridicularizado pelo narrador, que, diga-se de passagem, é Bentinho, o próprio Dom Casmurro. A ironia estrutural machadiana configura-se, muito além das palavras, como estilo de narração. Antes mesmo de entrarmos nos detalhes de *Bons dias!*, exemplifiquemos com outra crônica, publicada em “N’A Semana Ilustrada”, da *Gazeta de Notícias*, em 22 de julho de 1884, em que o autor dizia sobre a Guerra de Canudos: “*Para nós, artistas, é a renascença, é um raio de sol que, através da chuva miúda e aborrecida, vem dourar-nos a janela e a alma. É a poesia que nos levanta do meio da prosa chilra e dura deste fim de século*”. É um posicionamento totalmente contrário ao vigente, governista.

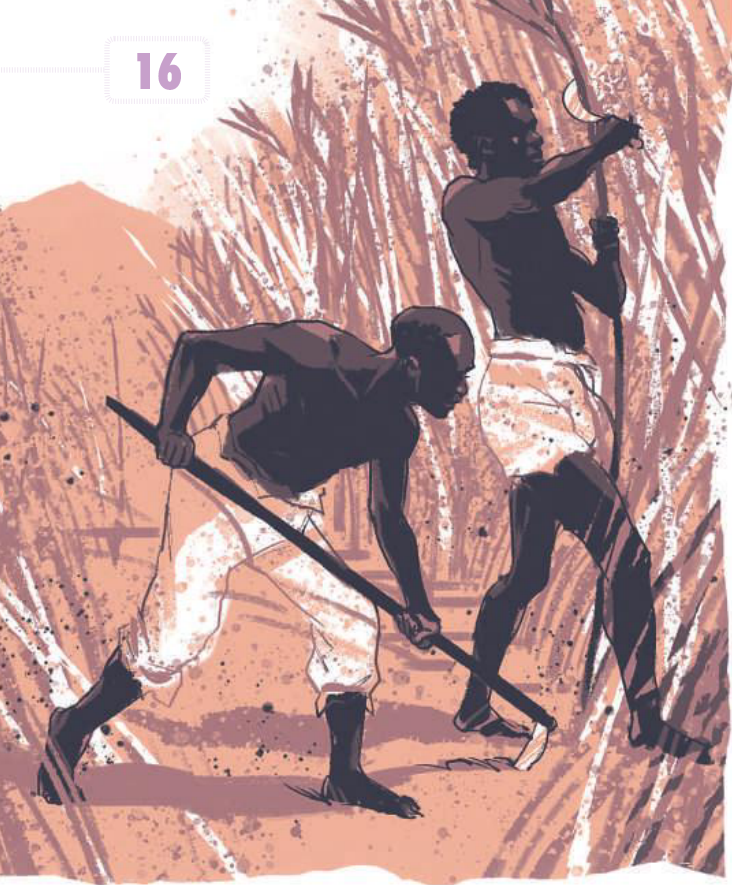
### Glossário

- **Fortuna:** destino, força do acaso.
- **Classismo:** preconceito de classe.
- **Chilra:** voz de aves, chio, assovio; usado aqui no sentido de tagarelice.

Indo, agora, para a obra que analisamos, *Bons dias!*, a primeira crônica, publicada apenas seis dias após ter sido assinada a abolição da escravatura, trata de um senhor que alforria seu escravo antes de essa

lei ser vigorada. O tom de deboche sobre a “louvável” atitude do escravagista aparece em vários momentos, desde os petelecos, pontapés e ofensas, efeitos de um dito “impulso natural” que continuavam sobre o alforriado, passando pelo ar de superioridade moral nas palavras do senhor, assumindo um falso discurso abolicionista. E detalhe: tudo narrado em primeira pessoa. Ou seja, a crítica se coloca nas palavras de uma personagem fictícia, mas baseada na realidade mais próxima, narrada em uma crônica jornalística. O homem e a sociedade, a transição histórica, o fato político e social, todos em pauta, todos como objetos da análise de Machado de Assis na forma de arte. Uma coisa é unânime entre seus estudiosos: Machado era muito observador e crítico e tinha um olhar especialmente atento às mudanças: “*Os dias passam, e os meses, e os anos, e as situações políticas, e as gerações, e os sentimentos, e as ideias.*” (*Notas semanais*, de 16/6/1878).

Porém, é preciso ter cuidado ao situar o sujeito Machado de Assis no seu tempo. A mesma estratégia que nos permite caracterizar o autor e qualificar sua crítica, sua posição diante dos fatos, pode ser uma armadilha. Isso porque podemos ser ludibriados, se não identificamos sua ironia, por exemplo, ou se ele estiver caricaturando uma personagem por suas qualidades ou defeitos, de acordo com a opinião do autor. Trazendo o icônico Bentinho, o Dom Casmurro, de volta: como narrador da própria história, ela traz seu olhar parcial. O autor, de certa forma, “traduz” a voz e as ações das outras personagens através do relato do próprio Bentinho, fazendo-nos crer que aquela verdade é a única, ou a grande verdade dos fatos relatados. Mais uma vez, a preciosa ironia: damos aval ao discurso acusatório e ciumento do protagonista, que ao mesmo tempo nos deixa em dúvida se também, ou somente, é o antagonista, porque nos nega, por omissão, a voz real das outras personagens. A recorrente pergunta “Capitu traiu Bentinho?” pode até ter resposta. Mas tudo indica que o propósito de Machado de Assis era, no fim das contas, apenas a pergunta.



## Escavidão

A partir de 1880, o Brasil vivia um período econômico e político em que, cada vez mais, a abolição da escravatura era uma questão de tempo. A abolição do comércio transatlântico de escravizados, a Lei do Ventre Livre e a Lei dos Sexagenários já existiam. Alguns políticos, ministros e senadores que antes eram contra o fim da escravidão começaram a mudar de lado. Alguns senhores de escravos resistiam à ideia mais pelo fato de estes serem sua única “riqueza” do que só por uma questão de opinião. Os senhores estavam mais interessados em se livrar dos escravos do que em libertá-los.

A Lei Áurea foi sancionada em 13 de maio de 1888. Estava, a partir dali, oficialmente encerrado o sistema escravocrata. Machado de Assis foi um crítico firme desse processo. Era obviamente a favor do fim da escravidão no país, mas o que ele apontava como problema era o modo como foi feito, assim como a transição do Império à República. É facilmente possível verificar a desconfiança do autor quanto à aplicação dessas ideias. No caso da mudança da forma de governo, Machado dizia que o país estava apenas saindo das mãos da elite imperial para ir às mãos da elite

republicana; no caso da mudança de sistema econômico, ele condenava que a realidade dos escravizados não mudaria muito, pois claramente estavam sendo conduzidos a uma nova perspectiva perversa, excludente, sem reparação e indigna. Machado acreditava que somente a mudança de mentalidade da sociedade seria capaz de obter resultados efetivamente positivos. Nos dois casos, o tempo mostrou que o autor tinha razão em seus argumentos.

A série *Bons dias!* começou a ser publicada um mês antes da abolição. Sendo assim, o tema foi objeto de trato em suas palavras. Enquanto a questão agitava as ruas, Machado foi além e viu que os mais interessados, os escravizados, não estavam sendo socorridos, atendidos. Ainda hoje os resultados das decisões da sociedade burguesa escravagista fazem eco. Os descendentes dos escravizados, alforriados, fugidos ou quilombolas, desde o fim do século XIX, não receberam importância humanitária e não tiveram reparações social, cultural e política históricas.

Todos os anos de opressão foram e são ignorados, observados como algo distante no tempo e na memória, sem culpa. O próprio Machado de Assis foi descharacterizado nos livros e registros, tendo a cor negra de sua pele clareada. Enquanto era graficamente embranquecido, sua literatura era reverenciada, algo obviamente inevitável, assim como sua aparência deveria ter sido respeitada. No imaginário coletivo, o autor não era negro, era, no máximo, “mulato”, expressão que hoje em dia sabemos tratar-se de um termo pejorativo para se referir aos negros. Em 2018, um pesquisador encontrou uma fotografia de Machado de Assis, datada de 1908, publicada na revista *Caras Y Caretas*; na imagem, é evidente que o autor era um homem negro. Assim, veio à tona a questão do preconceito, e uma campanha surgiu, chamando a atenção para a real face do escritor, para a cor verdadeira da sua pele, demonstrando, inclusive, que mesmo um grande gênio da arte não está a salvo de ser menosprezado e ter sua memória e sua imagem distorcidas pela sociedade por sua cor, descendência e origem não europeia.



## A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

### Obras do autor

#### Teatro

- Pipelet (1859)
- Hoje a vental, amanhã luva (1860)
- Desencantos (1861)
- Teatro de Machado de Assis: O caminho da porta e O protocolo (1863)
- Quase ministro (1864)
- Os deuses de casaca (1866)
- Tu, só tu, puro amor (1880)
- Não consultes médico (1896)
- Lição de Botânica (1905)

#### Poesia

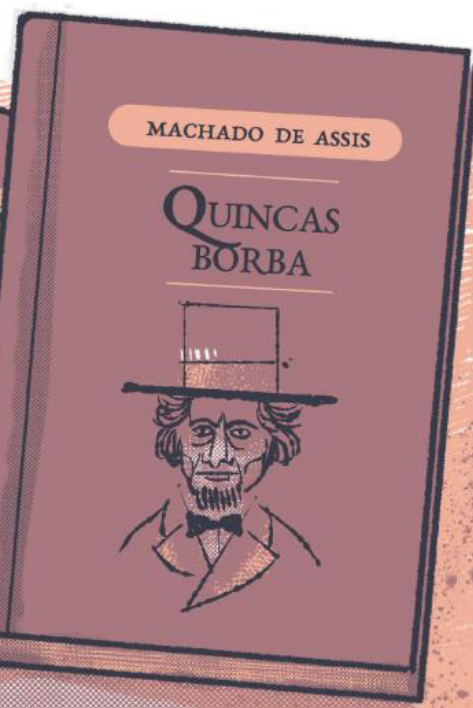
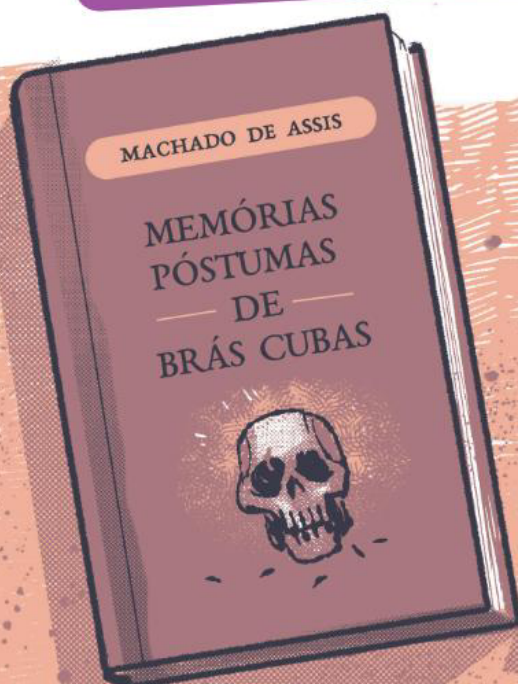
- Crisálidas (1864)
- Falenas (1870)
- Americanas (1875)
- Ocidentais (1880)
- Poesias completas (1901)

#### Contos

- Contos fluminenses (1870)
- Histórias da meia-noite (1873)
- Papéis avulsos (1882)
- Histórias sem data (1884)
- Várias histórias (1896)
- Páginas recolhidas (1899)
- Relíquias de casa velha (1906)

#### Romance

- Ressurreição (1872)
- A mão e a luva (1874)
- Helena (1876)
- Iaiá Garcia (1878)
- Memórias póstumas de Brás Cubas (1881)
- Casa velha (1885)
- Quincas Borba (1891)
- Dom Casmurro (1899)
- Esaú e Jacó (1904)
- Memorial de Aires (1908)



## Aspectos gerais da produção literária do autor

Machado de Assis, ao longo da sua carreira, produziu obras bastante distintas, em termos de gêneros, como já vimos. Mas é possível evidenciar vários aspectos recorrentes em sua obra, assim como características de sua literatura. A forte **crítica social** é notável, muito além do simples registro da sociedade burguesa carioca e brasileira do século XIX, o autor aponta sua hipocrisia e vícios, a manutenção das aparências etc.; a criação de uma relação de **proximidade** com o leitor, trazendo-o para perto, falando-lhe diretamente, como acontece no teatro com a chamada *quebra da quarta parede*, em que o ator dialoga diretamente com o espectador; o uso da **ironia** e do humor ácido e, por vezes, o sarcasmo; a **provocação** ao leitor por meio de amplos questionamentos sobre a vida e a condição humana, diante da natureza dos fatos, e à carga que lhes impomos; o uso de **metalinguagem**; o **pessimismo** e o **ceticismo** (não duvida, nem acredita: apenas observa); a noção da corruptibilidade do ser humano; bem como a criação de personagens complexas, com **densidade psicológica**.

A **proximidade** com o leitor é bem assertiva. Machado dialoga diretamente com ele, comentando, através do narrador, por meio de metalinguagens, filosofias, intertextualidades... E se vale de tons sempre neutros, nunca enfáticos, e reflexivos, mas sem tomar partido: por vezes amargo, por vezes divertido. Nesses momentos, a narrativa quebra sua linearidade, e a ordem das ações é interrompida nos momentos de diálogo, trazendo o tempo da memória à frente. Ora o assunto é a personagem e seu caráter, ora são temas universais ou históricos, ou o próprio texto e sua escritura, configurando um trabalho **metalinguístico** mais palpável.

O **pessimismo** machadiano é notoriamente mais profundo na chamada fase realista, inaugurada após a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Suas últimas obras assumem uma postura de desencantamento com a vida, com o homem e a sociedade. Não

demonstrava acreditar nos valores do seu tempo, e o negativismo diante das observações críticas da hipocrisia social e política confirmava isso, como neste trecho de *Memórias póstumas*: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

A **densidade psicológica**, o aprofundamento nas personagens, era uma preocupação tão grande para Machado que fazia com que suas narrativas tivessem um olhar mais detalhista, de ritmo mais lento, de modo a não prejudicar a percepção da complexidade da alma do ser humano. Por outro lado, sua economia vocabular impressiona, visto que os adjetivos e advérbios são moderados, ao mesmo tempo que não torna sua linguagem mecânica.

Machado era **provocador** em vários aspectos, como ao cercar o leitor de possibilidades de leitura clara de todas as dimensões da realidade. O exemplo de Bentinho e Capitu é muito bom para essa compreensão. O que ele frequentemente faz é trabalhar com os preconceitos do próprio leitor. Isso se deve ao fato de que o autor, muito observador e **cético**, pôde se estabelecer nos entremeios das classes e categorias sociais: era de origem pobre, mas, mesmo antes de ascender socialmente, conviveu com a burguesia e a alta sociedade e estava sempre entre jornalistas, literatos, burocratas e políticos. Assim, soube reconhecer as falhas e méritos de todas as camadas, contemplando-as por dentro e por fora. Ao se solidarizar com o leitor, trazê-lo ao seu convívio através da sua linguagem, por conhecê-la bem, o autor tem o poder de traír o leitor e brincar com ele e com suas expectativas. Como diz o narrador de Quincas Borba: “Eu não me quero senão com dissimulados”.

Uma das características mais apreciadas na obra de Machado de Assis é sua **ironia**, ou mesmo seu sarcasmo (que é como uma ironia mais sórdida). Não à toa, é exaustivamente citada, analisada, contornada e avaliada. É considerada a arma mais corrosiva de sua crítica. Conforme já dissemos, não se trata somente da ironia pontual, isolada em trocadilhos, dispersa ao longo do texto. Trata-se de uma ironia mais funcional, de significação, percebida às vezes em uma lógica estranha entre



duas coisas, como entre um sujeito e seus trejeitos, ou uma desconexão entre uma situação e seus diálogos; ou, por exemplo, em uma progressão de fatos com desfecho não geométrico, uma quebra de expectativa própria dos aparatos cômicos.

De modo geral, a obra de Machado de Assis é des preocupada com as formas literárias dominantes em seu tempo. São perceptíveis alguns enquadramentos característicos em seus textos, através de: **elementos clássicos** (contenção lírica e de expressão, concisão e equilíbrio), **elementos românticos** (narrativas mais convencionais quanto ao enredo), **elementos impressionistas** (releitura do passado pela memória), **elementos realistas** (objetividade, atitude crítica e temas contemporâneos) e **elementos modernos** (elipses e alusões em torno de um tema que permite variadas interpretações).

## Romantismo e Realismo

A carreira de Machado de Assis é dividida em duas fases, embora nunca tenha aderido completamente a nenhuma delas: a fase romântica e a fase realista. A primeira fase tem características românticas, ou de convencionalismos da época, e durou de 1864 a 1878, compreendendo os romances *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*, os livros de contos *Histórias da meia-noite* e *Contos fluminenses*, a sua primeira peça *Queda que as mulheres têm pelos tolos* e os livros de poesias *Crisálidas* e *Falenas*. A segunda fase, iniciada com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, aconteceu justamente durante e após o período de internação que

se deu devido ao desgaste no seu quadro de epilepsia; nessa fase, se tornam marcantes o pessimismo e a ironia característicos, que o acompanharam até o fim da vida. Portanto, os romances *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* também fizeram parte da fase realista, além dos demais livros de contos, poesias e peças teatrais.

O **Romantismo** é uma escola de estilo tipicamente burguês, que havia superado os regimes absolutistas em vários países, rompendo assim com os padrões clássicos. Suas características principais são o egocentrismo e o subjetivismo; o nacionalismo e o ufanismo (no Brasil, o indianismo teve destaque); a exaltação da natureza; a idealização do amor (platônico), do herói e da mulher; a fuga da realidade através do sonho, da morte, da loucura ou da própria arte; e o sentimentalismo exagerado.

Machado é quem introjeta, de fato, o **Realismo** na literatura brasileira. Sua principal característica é a crítica social, dirigida, sobretudo, à burguesia e à escravidão, ao sistema de interesses capitalista, de mercantilização da vida, e à transformação dos homens em objetos. É a fase que estudiosos consideram “mais madura” de Machado. Ele próprio tinha sua opinião acerca disso:

*Não me culpeis pelo que lhe achardes romanesco. Dos que então fiz, este me era particularmente prezado. Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. E claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo.*

Apresentação em uma nova edição de *Helena*. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.



## Obras de Destaque

- *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881)  
Brás Cubas é um defunto-autor que conta suas memórias em um livro. É uma obra revolucionária tanto pela ideia quanto pela forma. A premissa é a de que, como o narrador já não está mais vivo, teria mais liberdade e despudor para falar o que lhe conviesse ao relato fiel – e parcial, obviamente.
- *Quincas Borba* (1891)  
Rubião é um professor primário que se torna amigo e enfermeiro do milionário Quincas Borba, que tem o mesmo nome do seu próprio cachorro. Rubião herda o bicho e a fortuna após a morte do amigo. Essa novidade faz com que o protagonista decida se mudar do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro. O enredo gira em torno da relação de Rubião e sua ingenuidade, posta à prova diante dos interesseiros que surgem no seu caminho, ao que, como consequência, ele vê sua fortuna minuar aos poucos. Machado expõe as contradições e fragilidades da sociedade, descortinando o que há de pior no homem, em seu pensamento e nos seus modos de ser.
- *O alienista* (conto de 1882)  
Simão Bacamarte é um célebre médico que constrói um hospício, chamado Casa Verde. Diagnostica como loucos os moradores da pequena cidade onde vive, internando-os um a um. O número de doentes cresce exponencialmente, até que o próprio Dr. Bacamarte se vê só, do lado de fora do hospício, e se dá conta de que quem deveria se internar voluntariamente era ele. Esse conto é um dos mais famosos de Machado de Assis, sendo adaptado em diferentes mídias, desde quadrinhos até filmes. Ele nos faz questionar as medidas entre a loucura e a sanidade, e como os valores que definem uma ou outra coisa são permeáveis.
- *Dom Casmurro* (1899)  
Bentinho casa-se com sua amiga de infância, Capitu, e tem um filho com ela, Ezequiel. Narrada por Bentinho, em primeira pessoa, a trama gira em

torno da dúvida do seu protagonista: teria Capitu o traído com seu melhor amigo, Escobar? Machado instala esse mesmo questionamento no leitor, visto que a narração enviesada e parcial faz com que as suspeitas tenham verossimilhança. É um retrato da complexidade das relações humanas, em que se percebe a fronteira tênue entre a verdade dos fatos e a relatividade dos relatos. Capitu é culpada ou inocente? A impossibilidade de desvendar não é frustrante, mas, ao contrário, admirável. A única certeza que temos é da intriga que o narrador, este, sim, suspeito, elabora à nossa compactuação. Um dos maiores clássicos da literatura brasileira.

## Aspectos gerais da obra analisada



O **escritor**, ao produzir um texto, o faz para um público real, pessoas com presença física no mundo, que leem e consomem a obra. Ambos, escritor e **leitor** reais, não pertencem ao texto, mas, sim, a um determinado momento histórico e caracterizam-se por traços culturais determinados pela sociedade à qual pertencem. O escritor, ao produzir o texto, torna-se um autor culturalmente e socialmente constituído. Ao assumir o



papel de produtor de um discurso, de um enunciador de sentidos, a pessoa real e concreta do escritor “desaparece”, emergindo o **autor virtual** do texto, implícito. Suas marcas características se espalham por todo o texto, ao se transfigurar em narrador, em qualquer posição, seja primeira pessoa, terceira pessoa, onisciente etc. Ao elaborar seu texto, o **enunciador** também instaura seu **interlocutor**, estabelecendo um diálogo com ele, com quem divide seus pontos de vista e valores. Assim como acontece com o autor, essa imagem de leitor não é a da pessoa física, com existência biológica, consumidora. Emerge-se o **leitor virtual**, construído pelo narrador, um leitor implícito, que não só participa como espectador, mas interfere como filtro e produtor de sentidos. As escolhas do enunciador se dão também em função dessa imagem que criou e elaborou desse leitor estabelecido. O texto torna-se, assim, um jogo, no qual enunciador e interlocutor precisam aderir às regras de ficcionalização para compreender a trama além da realidade histórica.

A **crônica** é um dos gêneros literários em que mais se percebem o autor e o leitor implícitos. Entre várias abordagens sobre literatura e gênero, podemos afirmar que a crônica era um relato dos fatos sucedidos em algum lugar, ou seja, era uma narração de episódios históricos de forma cronológica. Era chamada de “crônica histórica”, como na origem da própria palavra (*chronos* significa tempo). Por isso, a relação entre tempo e memória é significativa, tanto para narrações faladas quanto para escritas. Com o advento da imprensa e do registro dos fatos através da escrita, as crônicas se afastaram um pouco da História – dos fatos da realidade de modo estrito – e se constituíram como **gênero literário**, com linguagem mais leve, porém de elaboração mais complexa. Claro, sem se deixar desprender dos acontecimentos reais, sem os quais a crônica seria apenas fantasia. É como diz o crítico literário Antonio Cândido: a crônica “é amiga da verdade e da poesia”.

Em geral, a crônica se caracteriza por um texto curto, breve, em que o cronista se apresenta em primeira pessoa e trata o leitor, seu interlocutor, como

segunda pessoa do discurso, o que confere ao texto um tom subjetivo. Não se trata de regras ou de leis rígidas, até porque é preciso equilibrar esse tom com um tom objetivo, impessoal, para inscrever as ocorrências cotidianas no texto; e o uso da terceira pessoa é um recurso importante, que ajuda a marcar esse lugar. O que não se deve pensar, no entanto, é que o uso da terceira pessoa configura um distanciamento, uma aparente falta de opinião. Ele é uma forma de manipular o leitor, pois o ponto de vista está sempre presente, mesmo que através de uma **persona** – persona poética, ou narrador poético; o “eu” através do qual a enunciação é dada, assim sendo possível separar o autor **empírico** do narrador ou da voz poética – ou através de uma **personagem** – ser dotado de características e ações que conduzem a narrativa através do tempo. Machado de Assis, em suas crônicas, nos apresenta seus pontos de vista e modos de compreensão dos fatos do seu tempo com enorme abrangência temática, autonomia estética e semântica, fazendo desse gênero discursivo e literário um espaço de excelência. A série *Bons dias!* é um exemplo disso; nela Machado mantém um distanciamento, mas não uma ausência, e do seu lugar nos oferece perguntas em vez de respostas.

### Glossário

- **Empírico:** relativo ao empirismo, à experiência prática.

### Bons dias!

O jornal *Gazeta de Notícias* publicou, entre 5 de abril de 1888 e 29 de agosto de 1889, uma série de crônicas intitulada *Bons dias!*. Ao longo desses 17 meses, com relativa frequência, especialmente no início, Machado escreveu 49 crônicas. Todas começavam com a saudação que deu nome à série: “*Bons dias!*”; e encerravam com outra saudação, de despedida: “*Boas noites!*”, sendo que esta funcionava ainda como uma espécie de assinatura (e pseudônimo, visto que sua autoria, como já mencionado, só foi descoberta na década de 1950

pelo pesquisador Galante de Sousa). Machado se valeu de várias estratégias, além da sua tão conhecida ironia, para escrever as crônicas de *Bons dias!*. Como veremos, trataria de temas de importância significativa, e o faria de forma dura e crítica. O disfarce por um pseudônimo lhe serviu para se sentir mais livre das possíveis consequências, mais imediatas, de repressão ou restrição da sua escrita.

A primeira crônica apresenta vários elementos cruciais para a compreensão do que viria a ser a série, bem como seus paradigmas estruturais de funcionamento. Sua análise mais detalhada servirá para nós como guia para o entendimento das demais. O primeiro parágrafo desta crônica trata da relação entre o cronista e seu leitor, e de como ela iria se dar, desde a saudação-título:

### *Bons dias!*

*Hão de reconhecer que sou bem criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que me parecesse; depois ia-me embora, para voltar na outra semana. Mas, não senhor; chego à porta, e o meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias. Agora, se o leitor não me disser a mesma coisa, em resposta, é porque é um grande malcriado, um grosseirão de borla e capelo; ficando, todavia, entendido que há leitor e leitor, e que eu, explicando-me com tão nobre franqueza, não me refiro ao leitor, que está agora com este papel na mão, mas ao seu vizinho. Ora bem!*



### Glossário

- **Borla:** adorno feito com fitas e franjas penduradas, ou com tufo arredondados de pelos.
- **Capelo:** capuz antigo, utilizado por frades, freiras e viúvas; ou chapéus de formaturas.

O cronista parte de uma autoimagem de polidez para o seu oposto em poucas palavras, e o que parecia ser um tratamento gentil ganha contornos hostis e agressivos. Esse, inclusive, é um tom que percorre todas as crônicas, sendo uma de suas características mais marcantes. Há sempre uma tensão entre o “caro leitor” e um insulto seguinte ou por vir. O que pode configurar, de certa forma, uma ironia, uma forma de dizer algo afirmando seu oposto. Outro ponto a se destacar é que, ao se apresentar de forma educada, o narrador aproxima o leitor, tornando mais amigável e verossímil seu discurso, pela confiança. Além, é claro, da caracterização do texto como uma **carta**, objeto obviamente intimista. No segundo parágrafo, o cronista apresenta seu “programa”, mesmo afirmando que não iria fazê-lo. E o que seria esse “programa”? Um fato histórico explica isso: Machado de Assis era secretário em



uma sociedade de amadores da música, chamada Clube Beethoven, e lá ouvira, de forma não oficial, a notícia de que o novo governo iria abolir a escravidão completamente e incondicionalmente, sem que os senhores de escravos fossem indenizados. Ou seja, Machado estava presente na primeira vez em que a Lei Áurea foi anunciada como proposta. E partiu daí a sua ideia da crônica e do “programa” da série, isto é, seus objetivos, que girariam em torno da abolição da escravatura, mudança econômica e social, e em seguida, da mudança de regime, política, da Monarquia à República. Suas opiniões seriam ácidas nos dois espectros. Já que era um liberal, porém monarquista, Machado se pôs sob um pseudônimo, mas não os que já utilizara em outras obras, como Lélío, João das Regras e Malvolio; de forma original, a despedida era a própria assinatura: “Boas noites!”. Sabendo da reação dos escravocratas diante da notícia da abolição total, o escritor fez como o próprio cronista: “o melhor é fazer calado”, e confirmando a ideia depois: “Portanto, bico calado”.

Em seguida, na crônica, temos o que se chama de constituição da *persona* do cronista, da voz em torno da qual as crônicas iriam se desenvolver. É importante destacar que não haverá uma constância na série; quer dizer, não se trata de um cronista com identidade com parâmetros bem contornados, consistente.

*[...] No mais é o que se está vendo; cá virei uma vez por semana com o meu chapéu na mão, e os bons dias na boca. Se lhes disser desde já, que não tenho papas na língua, não me tomem por homem despachado, que vem dizer coisas amargas aos outros. Não, senhor, não tenho papas na língua, e é para vir a tê-las que escrevo. Se as tivesse, engolia-as e estava acabado. Mas aqui está o que é, eu sou um pobre relojoeiro, que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do ofício. A única explicação dos relógios era serem igualzinhos, sem discrepância: desde que discrepam, fica-se sem saber nada, porque tão certo pode ser o meu relógio, como o do meu barbeiro.*

O termo “não tenho papas na língua” tem o sentido de não dizer o que o senso comum espera, de não se medir as palavras a dizer, de não se preocupar com o que quem ouve irá pensar ou dizer, e isso se confirma logo na emenda: “e é para vir a tê-las que escrevo”; ou seja, o cronista escreve por dinheiro. Isso porque desistiu de ser relojoeiro, estava “cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora”. Essa é uma metáfora para o cursar da História, ao seu descompasso. Se uns têm as horas adiantadas, outros as têm atrasadas. Estar adiantado no tempo também seria uma forma de ter seu controle, já que poderia conduzir os outros ao que já vivera. Ou seja, são relações de poder. E naquele período – e o mesmo vale para hoje em dia – estar um passo adiante, um momento à frente, estar adiantado nas mudanças era ter maior poder. O próprio cronista exemplifica com um momento histórico: tanto o Partido Liberal, que afirmava que a abolição era um direito inquestionável, quanto a “Sua Alteza”, a Monarquia, perderam o controle do processo, que passou às mãos conservadoras, focando a questão mais para os aspectos econômico e comercial do que humano: os senhores de escravos queriam mais se livrar dos escravos do que libertá-los.

*Um exemplo. O Partido, Liberal, segundo li, estava encasacado e pronto para sair com o relógio na mão, porque a hora pingava. Faltava-lhe só o chapéu, que seria o chapéu Dantas, ou o chapéu Saraiva (ambos da chapelaria Aristocrata): era só pô-lo na cabeça, e sair. Nisto passa o carro do paço com outra pessoa, e ele descobre que ou o seu relógio está adiantado, ou o de Sua Alteza é que se atrasara. Quem os porá de acordo?*

Em várias crônicas, Machado se vale da figura do relojoeiro para demonstrar os vários níveis de poder e apontar quem está adiantado em defender seus próprios interesses e quem está atrasado, já a ponto de perdê-los – como vemos em sua comparação entre a Monarquia e os liberais. Em alguns textos, não denomina o relojoeiro, mas demonstra quem está desempenhando esse papel. Até

porque o cronista não precisa sempre dizer que é o relojoeiro, certo? Então, no fim das contas, a dúvida (ou a confirmação) nem precisa existir. O que importa é que essa consistência, típica de narradores em romances, não é relevante. Tanto que, em outras duas crônicas, mais específicas, os cronistas realmente não são o relojoeiro e são muito bem marcados: o senhor de escravos da Crônica 7, “do Pancrácio”, e um segundo, da Crônica 13, “do Tchitchikof”. Ou seja, o “narrador” não é o mais importante, e sim a relação de intimidade-distância com o leitor. Isso configura um segundo panorama de leitura: ao não se ter um “narrador” contínuo e formatado, o sentido do texto se aproxima das opiniões do próprio Machado de Assis, que exprimia seu olhar crítico por trás tanto do anonimato do pseudônimo-despedida quanto do relativismo das ironias e da impermanência do cronista.

Apresentado o “programa” da série, a **abolição da escravidão** e a **mudança de regime político**, e percebidas as nuances do cronista – ou cronistas –, as nove crônicas seguintes condensam e expõem os argumentos pelos quais o autor trata as questões centrais. A segunda crônica se desenvolve em torno da escolha de um governo conservador para promulgar a abolição da escravidão, uma medida que era essencialmente liberal, assunto já trazido na primeira crônica. A terceira é mais focalizada na questão de empréstimos contraídos pelo governo e no fim inevitável da escravidão, que é retomado de forma central na quarta crônica. Nesta, o cronista se desenha como alguém despreocupado, ou em suas palavras,

*[...] confesso que, na rua, ando sempre distraído. Às vezes é uma ideia, às vezes é uma tolice, às vezes é o próprio tolo que me distrai, de modo que não posso, em consciência, negar nem afirmar.*

Mas, no jogo de dizer e não dizer, logo percebemos que a despreocupação é de certo modo fingida:

*Sim, e não se imagina como sou distraído. Para não ir mais longe, ainda ontem estive a conversar com alguém, sobre estes negócios de abolição e emancipação.*

As crônicas dos dias 11, 19 e 20-21 de maio de 1888 são cruciais. Não à toa, estão em torno do dia 13 de maio, data de assinatura da **Lei Áurea**. Cada uma das três, dispostas na publicação aqui analisada como Crônica 6, Crônica 7 e Crônica 8, trata de um ponto de vista diferente: a Crônica 6 trata da fuga dos escravizados das fazendas de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, consequência que seria imediata após a abolição; a Crônica 7 é a famosa “de Pancrácio”, talvez a mais importante das três; e na Crônica 8, que trata do processo político da abolição, Machado destila seu veneno sarcástico até sobre a Princesa Isabel – esta última crônica foi publicada, inclusive, em uma edição especial de número único da *Imprensa Fluminense*, criada para celebrar a abolição. Essas três, juntas, são consideradas o retrato perfeito da visão do autor sobre a abolição. Machado acreditava que os efeitos da escravidão eram muito profundos para serem simplesmente abolidos por uma lei e lembrava sempre que seria muito prejudicial ao país e à população se a euforia pública alimentasse essa ilusão.

Na Crônica 6, Machado chama a atenção para o fato de que a abolição seria um movimento de passagem de uma relação econômica e social opressiva para outra. Ele utiliza expressões em alemão para evidenciar a dinâmica da situação: “*konstitutionelle Monarchie*” e “*absolute Oligarchie*”, que são trazidas de volta em uma fala mais adiante, aqui traduzida: “*Seria fácil provar que o Brasil é mais uma oligarquia absoluta do que uma monarquia constitucional*”. Isto é, cairia a escravidão, nasceria a República, mas a oligarquia seria mantida. A mudança de regime, assim como a abolição nos moldes em que foi realizada, representava uma mudança de rótulo apenas. A figura que caracteriza essa ideia é o próprio cronista, que ascende ao pensamento de que a propriedade é tão sagrada quanto a liberdade:

*Lá que eu gosto da liberdade, é certo; mas o princípio da liberdade não é menos legítimo. Qual deles escolheria? Viviria assim, como uma peteca (salvo seja), entre as duas opiniões, até que a sagacidade e profundidade de espírito com que Deus quis compensar a minha humildade, me indicou a opinião racional e os seus fundamentos.*



A Crônica 7 é publicada apenas seis dias após a assinatura da Lei Áurea, no dia 19 de maio de 1888. O narrador é bastante distinto do relojoeiro Policarpo. Ele nos conta a história da liberação do seu escravo Pancrácio, por meio de uma autoexaltação delirante, colocando-se na posição de sujeito louvável pela atitude. Claramente, Machado está estereotipando os senhores de escravo, que procuravam ainda manter sua autoridade sobre os libertos, tentando fazer deles dependentes, mesmo que mal pagos. E ainda se auto-declarando um profeta:

*[...] toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.*

É uma caricatura com níveis de ironia memoráveis, como nessa cena, em que o cronista se supõe adorado pelo gesto: “Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés”. E, após seus discursos: “Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração”. Este retrato nos traz à memória novamente o personagem Bentinho, do romance *Dom Casmurro*, narrador único da própria história, que nos faz duvidar da idoneidade de Capitu, que tem todas as falas filtradas pela parcialidade de Bentinho. Assim também o cronista traz a voz de Pancrácio, agradecido pelo gesto do ex-dono:

*— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida, e tens mais um ordenado, um ordenado que...*

*— Oh, meu senhô! fico.*

O cronista – e aqui a ironia de Machado se coloca tanto na estrutura textual, de inversão da figura do narrador bem-intencionado através do próprio discurso, quanto na crítica do autor aos vícios e à deformação de caráter da sociedade escravagista – evidencia toda sua personalidade e crueldade por trás das aparentes boas intenções:

*Pancrácio aceitou tudo: aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.*

A última das três publicações em torno da Lei Áurea, a Crônica 8, trata da discussão sobre o fim da escravidão como um processo não somente político, mas como um movimento inevitável, durante o qual os políticos tentavam formas de não torná-lo uma decisão que se definisse como a abolição total, imediata e sem indenizações, como de fato aconteceu. Machado faz um paralelo irônico com uma passagem bíblica, relacionando o momento brasileiro com parte da lei hebraica.

#### **Bons dias!**

*21. Está escrito no livro de Ellen Haddebarim, também chamado Deuteronomio, que quando o escravo tiver servido seis anos, no sétimo ano o dono o deixe ir livre, e não com as mãos abanando, senão com um alforje de comida e bebida. Este é de certo o unguento lembrado, menos talvez o alforje e os seis anos.*



A crônica seguinte, a nona, publicada em 27 de maio de 1888, trata da questão do federalismo. Machado arquiteta uma conversa entre o meteorito Bendegó, que havia caído na Bahia mais de um século antes, com o oficial da Marinha, José Carlos de Carvalho, que pretendia levar o objeto para o Rio de Janeiro. A pedra, de forma cortês (Machado utiliza a figura de linguagem da personificação), questiona a razão de haver discussão entre as províncias sobre sua propriedade, um possível embargo, ao que Carvalho responde pacientemente ser uma “— Questão de federalismo...”. O autor traz à tona a questão do federalismo justamente porque, dada a abolição da escravidão, o assunto central da política, e logicamente das crônicas através da tensão criativa do escritor, fatalmente seria a mudança de regime, o fim inevitável da Monarquia e o fato de que, sendo o Brasil uma “oligarquia absoluta”, a República a ser proclamada daria poder a essa mesma oligarquia; com isso, e por serem as oligarquias provincianas, os estados ganhariam força, assim como o federalismo, por consequência.

### Glossário

- **Federalismo:** sistema de governo federativo, em que os estados formam a nação, porém conservando certa autonomia.

A partir da crônica seguinte, a décima, publicada em 1º de junho de 1888, as questões centrais focalizam o fim da Monarquia. É quando Machado traz de volta a figura do relojoeiro e o nomeia Policarpo, como se estivesse dando um novo começo à série.

John Gledson, crítico e pesquisador da obra de Machado de Assis, agrupa as próximas 23 crônicas sob o mote da falta do “programa”, ponto de partida para o autor criar a série. Há, inclusive, alguns sinais de esgotamento no próprio texto, como podemos perceber em: “Antes de mais nada, disse eu a princípio; mas francamente não vi se tinha mais alguma coisa a dizer”; assim também em: “creio que tinha alguma coisa a dizer, mas não me lembro”; o cronista está constantemente

citando uma possível “falta de assunto”. Além disso, Machado desistiu da periodicidade semanal, constância que manteve somente nas nove primeiras crônicas. Os assuntos, mesmo os políticos, são tratados de forma mais superficial, como os discursos irrelevantes e longos e a imitação dos costumes da Câmara britânica, por exemplo. Ainda trata de assuntos mais peculiares, como as tentativas da Federação Espírita Brasileira de lidar com um falso médium.

Dois outras crônicas que merecem destaque são a 13ª, do dia 26 de junho de 1888, e a 24ª, de 28 de outubro de 1888. Na Crônica 13, Machado espelha no Brasil uma situação paralela ao que acontece na obra *Almas Mortas*, do escritor russo Gogol. A personagem Tchitchikof compra camponeses fictícios, ou, explicando melhor, compra dos patrões seus formulários de registro. Esses patrões receberiam dinheiro de Tchitchikof por camponeses mortos – pelos quais inevitavelmente teriam de pagar impostos ao governo, sendo-lhes, pois, um bom negócio. E Tchitchikof, com o registro de camponeses em mãos, os registraria como vivos, solicitaria um valor de ajuda para seu suposto bom uso e, então, fugiria com o dinheiro. O verdadeiro assunto da crônica é a indenização proposta pelas mesmas pessoas que eram contra a abolição, para as quais Machado não poupava críticas e pelas quais não nutria nenhuma simpatia. Já a Crônica 24 trata de banir a Inglaterra das referências brasileiras, e o cronista usa a inoperância da polícia inglesa sobre um caso insolúvel como motivo dessa desfeita. A questão principal surge em seguida: uma proposta de lei do futuro escritor Alfredo D’Escagnolle Taunay, conhecido por encorajar a imigração. Ele e outros mais acreditavam que os imigrantes europeus seriam mais independentes e autossuficientes que os chineses, por exemplo. Machado logo percebeu a iminente discriminação racial por trás do discurso desses defensores, que afinal desejavam um país mais branco, e pôs seu cronista a apontar-lhes as afiadas palavras.

Enfim, duas outras crônicas, as de números 43 e 45, de 7 e 29 de junho de 1889, trazem mais especificamente

o tema do advento da República. Embora a série se encerre pouco antes da Proclamação, esse era um dos assuntos do “programa” apresentado no início e que, assim, também decretou seu fim. A Crônica 43 se inicia com as palavras “Não gosto que me chamem de profeta de fatos consumados; pelo que, apresso-me em publicar o que vai suceder [...]” e encerra com uma nota final, que diz: “Este artigo está em nosso poder desde o dia 23; não pôde sair por falta de espaço”. É uma brincadeira de Machado de Assis, mais uma ironia, acerca do jogo político que se instaurava no país àquele momento. O Conselho do Estado havia se reunido com o Imperador para auxiliá-lo na formação do próximo gabinete, visto que a maioria conservadora estava dividida e inconciliável. Machado (na verdade, o cronista) finge escrever a crônica dia 23 de maio, apesar de publicá-la no dia 7 de junho. No entanto, o escritor já havia previsto o desgaste da Monarquia na crônica de 11 de maio de 1888, aquela em que profere os termos em alemão, como percebemos em outro trecho quando diz acerca do governo: “— Vai pessimamente. Está saindo dos eixos; é preciso que isto seja, senão com a monarquia, ao menos com a república [...]”. Já a Crônica 45 gira em torno de telegramas que trazem a situação política da Venezuela e a dissolução do partido do general Guzmán Blanco, liberal, após sua última ida a Paris. O cronista estranha o fato de um partido, que a princípio cresce naturalmente, ser simplesmente e facilmente dissolvido, e compara a situação com o inevitável federalismo, dado o advento próximo da República no país. Além disso, aponta o jogo de interesses e poder por trás das decisões e questões enfrentadas pelas oligarquias, como se nota em “*Quem nasce em alto-mar, faça-se eleger pelos tubarões*”.

A mudança de regime não é só uma questão social, política e econômica para Machado de Assis, mas pessoal. O autor era liberal e monarquista, e a mudança de regime era sentida bruscamente, como uma mudança mesmo de casa, como nos mostra o encerramento da Crônica 48, de 22 de agosto de 1889: “Oh, não mudeis de casa! Mudai de roupa, mudai de fortuna, de amigos, de opinião, de criados, mudai de tudo, mas não mudeis de casa!”. Aqui fica evidente ainda que até uma mudança na vida do autor poderia acontecer, como o encerramento da série, por exemplo, com essa grande decisão política brasileira. Provavelmente Machado acreditava que acabaria se expondo, ao tocar cada vez mais forte em questões de maior convicção, e suas opiniões, sempre ácidas, poderiam deixar transparecer o criador por trás do cronista, e possíveis circunstâncias poderiam atingi-lo.

Após a nona crônica, a regularidade das publicações não se manteve, e algumas pretensões anunciadas pelo cronista no início se dissolveram. O “programa” é o motivo da origem e fatalmente seria o motivo do encerramento da série. A dependência excepcional e profunda dos eventos políticos e econômicos foi o que conduziu o escritor a expressar suas opiniões de forma mais próxima do leitor, com o cronista como filtro e seu meio e os processos de agitação pelas mudanças históricas como fio condutor e plano de fundo. É importante, quando analisamos uma obra de Machado de Assis, que saibamos observar onde e quando sua ironia é posta e seus motivos, assim como seus jogos metalinguísticos, para que não ofusquemos seu ponto de vista, sendo enganados pelo que é dito na superfície do texto, pelos personagens e pelo narrador.



# QUESTÕES

## 1. Enem 2016

*Bons dias!*

14 de junho de 1889

*Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida, – igual ou quase igual à que dá a vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado.*

ASSIS, M. **Bons dias!** (Crônicas 1888-1889). Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Hucitec, 1990.

O jornal impresso é parte integrante do que hoje se compreende por tecnologias de informação e comunicação. Nesse texto, o jornal é reconhecido como

- A objeto de devoção pessoal.
- B elemento de afirmação da cultura.
- C instrumento de reconstrução da memória.
- D ferramenta de investigação do ser humano.
- E veículo de produção de fatos da realidade.

**2. Unifesp** *Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.*

(Machado de Assis. "Bons dias!". In: *Obra completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.)

O fragmento é de uma crônica de 19 de maio de 1888, que conta o caso, fictício, de um escravista que se converteu à causa abolicionista poucos dias antes da Lei Áurea e agora se gabava de ter alforriado Pancrácio, seu escravo. O ex-proprietário explica que Pancrácio, além de continuar a apanhar, recebe um salário pequeno. Podemos interpretar tal crônica machadiana como uma representação da:

- A ampla difusão dos ideais abolicionistas no Segundo Império, que apenas formalizou, com a Lei Áurea, o fim do trabalho escravo no Brasil.
- B aceitação rápida e fácil pelos proprietários de escravos das novas relações de trabalho e da necessidade de erradicar qualquer preconceito racial e social.
- C mudança abrupta provocada pela abolição da escravidão, que trouxe sérios prejuízos para os antigos proprietários e para a produção agrícola.
- D falta de consciência dos escravos para a necessidade de lutar por direitos sociais e pela recuperação de sua identidade africana.
- E persistência da mentalidade escravista, que reproduzia as relações entre senhor e escravo, mesmo após a proclamação da Lei Áurea.

**3. Enem** *Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentou o autodidata Machado de Assis.*

Disponível em: <http://www.passeiweb.com>. Acesso em: 1 maio 2009.

Considerando os seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o texto citado constitui-se de

- A fatos ficcionais, relacionados a outros de caráter realista, relativos à vida de um renomado escritor.
- B representações generalizadas acerca da vida de membros da sociedade por seus trabalhos e vida cotidiana.

- C explicações da vida de um renomado escritor, com estrutura argumentativa, destacando como tema seus principais feitos.
- D questões controversas e fatos diversos da vida de personalidade histórica, ressaltando sua intimidade familiar em detrimento de seus feitos públicos.
- E apresentação da vida de uma personalidade, organizada sobretudo pela ordem tipológica da narração, com um estilo marcado por linguagem objetiva.

**4. Faap-SP** *Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desviado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, – questão preme de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.*

(Machado de Assis)

Machado de Assis filia-se (e o trecho é exemplo disso) ao estilo de época do:

- A arcadismo.
- B romantismo.
- C realismo.
- D simbolismo.
- E modernismo.

**5. Enem** No trecho abaixo, o narrador, ao descrever a personagem, critica sutilmente um outro estilo de época: o romantismo.

*Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e*

*espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.*

(ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1957.)

A frase do texto em que se percebe a crítica do narrador ao romantismo está transcrita na alternativa:

- A ... o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas...
- B ... era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça...
- C Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno,...
- D Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos...
- E ... o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação...

**6. ESPM-SP** Assinale a opção que contenha trecho com a conhecida digressão metalinguística presente na obra de Machado de Assis:

- A Ora bem, faz hoje um ano que voltei definitivamente da Europa. O que me lembrou esta data foi, estando a beber café, o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores: “Vai vassouras! vai espanadores!”.
- B Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma cousa que morrer (...).
- C Rubião não sabia que dissesse; Sofia, passados os primeiros instantes, readquiriu a posse de si mesma; respondeu que, em verdade, a noite era linda (...).
- D Assim chorem por mim todos os olhos de amigos e amigas que deixo neste mundo, mas não é provável. Tenho-me feito esquecer.
- E Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros (...).

## 7. Enem 2011

## O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: *Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e La glace est rompue; está começada a crônica.*

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

(ASSIS, M. In: SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007)

Um dos traços fundamentais da vasta obra literária de Machado de Assis reside na preocupação com a expressão e com a técnica de composição. Em *O nascimento da crônica*, Machado permite ao leitor entrever um escritor ciente das características da crônica, como:

- A) texto breve, diálogo com o leitor e registro pessoal de fatos do cotidiano.
- B) texto ficcional curto, linguagem subjetiva e criação de tensões.
- C) priorização da informação, linguagem impessoal e resumo de um fato.
- D) linguagem literária, narrativa curta e conflitos internos.
- E) síntese de um assunto, linguagem denotativa, exposição sucinta.

## 8.

22 de agosto de 1889

Bons dias!

“[...] E diria então que ser conservador era ser essencialmente liberal, e que no uso da liberdade, no seu desenvolvimento, nas suas mais amplas reformas, estava a melhor conservação. Vede uma floresta! (exclamaria, levantando os braços). Que potente liberdade! e que ordem segura! A natureza, liberal e pródiga na produção, é conservadora por excelência na harmonia em que aquela vertigem de troncos, folhas e cipós, em que aquela passarada estridula, se unem para formar a floresta. Que exemplo às sociedades! que lição aos partidos!”

O mais difícil parece que era a união dos princípios monárquicos e dos princípios republicanos; puro engano. Eu diria: 1.º, que jamais consentiria que nenhuma das duas formas de governo se sacrificasse por mim; eu é que era por ambas; 2.º, que considerava tão necessária uma como outra, não dependendo tudo senão dos termos, assim podíamos ter na monarquia a república coroada, enquanto que a república podia ser a liberdade no trono, etc., etc.

ASSIS, Machado de. *Bons dias!*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 292.

A partir da leitura de *Bons dias!*, de Machado de Assis, e do seu conhecimento sobre a obra do autor, assinale a alternativa que contém uma característica da sua escrita presente no trecho em destaque:

- A) Ambiguidade e pessimismo, notável na metáfora da natureza como representação dos partidos conservador e liberal.
- B) Crítica à sociedade burguesa e sua superficialidade, representada pela indiferença quanto aos princípios fundadores dos ideais republicanos.
- C) Ironia e angústia, devido às manobras políticas diante da iminente queda do Império.
- D) Metalinguagem, observada em “jamais consentiria que nenhuma das duas formas de governo se sacrificasse por mim; eu é que era por ambas”.
- E) Proximidade com o leitor, presente no jogo teatral do trecho “Vede uma floresta! (exclamaria, levantando os braços). Que potente liberdade!”.



**9. Fuvest (...)** Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume. Todas essas ações eram repulsivas; eu tolerava-as e praticava-as, para me não descobrir a mim mesmo e ao mundo. Mas o que pudesse dissimular ao mundo, não podia fazê-lo a mim, que vivia mais perto de mim que ninguém. Quando nem mãe nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava matá-los a ambos, ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte todos os minutos da vida embaçada e agoniada. Quando, porém, tornava a casa e via no alto da escada a criaturinha que me queria e esperava, ficava desarmado e diferia o castigo de um dia para outro.

O que se passava entre mim e Capitu naqueles dias sombrios, não se notará aqui, por ser tão miúdo e repetido, e já tão tarde que não se poderá dizê-lo sem falha nem canseira. Mas o principal irá. E o principal é que os nossos temporais eram agora contínuos e terríveis. Antes de descoberta aquela má terra da verdade, tivemos outros de pouca dura; não tardava que o céu se fizesse azul, o sol claro e o mar chão, por onde abríamos novamente as velas que nos levavam às ilhas e costas mais belas do universo, até que outro pé de vento desbaratava tudo, e nós, postos à caça, esperávamos outra bonança, que não era tardia nem dúbia, antes total, próxima e firme (...).

(Fragmento do livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis)

A narração dos acontecimentos com que o leitor se defronta no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, se faz em primeira pessoa, portanto, do ponto de vista da personagem Bentinho. Seria, pois, correto dizer que ela se apresenta:

- A) fiel aos fatos e perfeitamente adequada à realidade.
- B) viciada pela perspectiva unilateral assumida pelo narrador.
- C) perturbada pela interferência de Capitu que acaba por guiar o narrador.

- D) isenta de quaisquer formas de interferência, pois visa à verdade.
- E) indecisa entre o relato dos fatos e a impossibilidade de ordená-los.

**10. PUC-SP 2019** A seguir, no Texto I, o crítico literário Alfredo Bosi associa a publicação, em 1881, de *Memórias póstumas de Brás Cubas* à inauguração de uma nova fase na carreira literária de seu autor, Machado de Assis. No Texto II, excerto do capítulo “O verdadeiro Cotrim”, do mesmo romance, Brás Cubas descreve o caráter de seu cunhado Cotrim, ex-trafficante de escravos.

#### Texto I

*A revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto<sup>1</sup> e desfrutador Brás Cubas.*

(BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 2002, p.177.)

#### Texto II

*Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. (...) Não era perfeito, decerto; tinha, por exemplo, o sestro<sup>2</sup> de mandar para os jornais a notícia de um ou outro benefício que praticava, – sestro repreensível ou não louvável, concordo; mas ele desculpava-se dizendo que as boas ações eram contagiosas, quando públicas; razão a que se não pode negar algum peso. Creio mesmo (e nisto faço o seu maior elogio) que ele não praticava, de quando em quando, esses benefícios senão com o fim de espertar a filantropia dos outros; e se tal era o intuito,*

força é confessar que a publicidade tornava-se uma condição sine qua non<sup>3</sup>. Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

(ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 224-225.)

<sup>1</sup> cauto: cauteloso, prevenido.

<sup>2</sup> sestro: vício.

<sup>3</sup> condição sine qua non: condição sem a qual não é possível o que se pretende.

No Texto I, Alfredo Bosi destaca a particularidade do foco narrativo criado por Machado de Assis em

*Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Dentre os traços característicos do narrador desse romance, a leitura do Texto II permite destacar a presença de:

- A sarcasmo em “o sestro de mandar para os jornais a notícia de um ou outro benefício que praticava”.
- B leitor incluso em “e nisto faço o seu maior elogio”.
- C metalinguagem em “razão a que se não pode negar algum peso”.
- D cinismo em “poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém”.

## GABARITO

1. C  
O jornal pode, sim, ter as características citadas em todas as alternativas. Porém, no trecho em destaque, especialmente nos termos “a recomposição do extinto, a revivescência do passado”, a única opção que o revela é a c.
2. E  
A necessidade de manter seus privilégios e poderes foi uma das maiores fontes de contestação dos ex-donos de escravos, após a assinatura de Lei Áurea.
3. E  
Os termos e expressões encontrados em a (“fatos ficcionais”), b (“acerca da vida de membros da sociedade”), c (“estrutura argumentativa”) e d (“intimidade familiar”) já apontariam para a última alternativa, por eliminação. A alternativa e resume o trecho referência da questão, justamente pelo oposto às primeiras apresentadas.
4. C  
*Quincas Borba* é um romance da fase realista de Machado de Assis. Algumas características estão presentes no trecho destacado, como a crítica à moralidade e à hipocrisia, assim como a aceitação da realidade tal qual como é: “chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa”.
5. A  
O floreamento ou a fuga da realidade e a idealização da pessoa cantada são características comuns ao Romantismo, presentes no trecho “... o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas...”.
6. B  
A única opção em que há metalinguagem, que é a referência ao próprio texto ou intertextualidades em diálogo com o leitor, é a letra b, no trecho “Cuido haver dito, no capítulo XIV...”.
7. A  
As crônicas possuem características da referência ao momento histórico recente e a elementos de criação literária. Por eliminação, a “linguagem denotativa” na alternativa e e a “priorização da informação”, na c, estão descartadas. As opções b e d trazem os “conflitos” e “tensões”, que podem acontecer, mas não são essenciais. A opção a traz elementos próprios não só do texto em destaque, como das crônicas machadianas.

8. C

Nenhuma das características citadas tem ligação com os exemplos dados, a não ser quanto à ironia presente na figuração das características dos partidos e à angústia presente na iminente mudança de regime, evidenciada no trecho “que jamais consentiria que nenhuma das duas formas de governo se sacrificasse por mim; eu é que era por ambas”.

9. B

Por partir do ponto de vista de Bentinho, a narração em primeira pessoa só apresenta uma única perspectiva, sendo, pois, viciada; e, ao contrário do que foi afirmado nas demais opções, a narração é infiel aos fatos e parcial, por ser ordenada, sim, pelo relato de Bentinho.

10. D

A indiferença no trecho em destaque é típica do cinismo, atitude baseada na doutrina filosófica que revela desprezo por convenções, comodidades, pudores e riquezas, bastante característica na literatura machadiana.

















# AOL

## Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

[sistemapoliedro.com.br](http://sistemapoliedro.com.br)

São José dos Campos-SP  
Telefone: 12 3924-1616  
[editora@sistemapoliedro.com.br](mailto:editora@sistemapoliedro.com.br)

